

Universidade de Brasília
Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
Departamento de Ciência da Informação e Documentação



**Estudos sobre as razões da existência de estereótipos
e preconceitos em relação à imagem profissional do
bibliotecário**

Selma da Silva Santos

Orientadora: Sofia Galvão Baptista

Monografia final do Curso de Biblioteconomia

Brasília, DF, 13 de dezembro de 2000.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Estudos Sociais Aplicados
Departamento de Ciência da Informação e Documentação
70910-900 - BRASÍLIA-DF

Monografia apresentada ao Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.



Brasília, 13 de Dezembro de 2000.

Aprovado por:

Professor Orientadora Sofia Galvão Baptista

Professor Antônio Lisboa Carvalho de Miranda

Professor Suzana Pinheiro Machado Mueller

Sumário

Introdução	1
I – Revisão de literatura	
A reconstrução histórica da imagem social da mulher	3
A presença feminina no desenvolvimento da biblioteconomia: contribuições e implicações	16
Imagem: o “real” mais “real” que a própria realidade	33
II – Método	
Objetivo geral	40
Objetivo específico	40
Metodologia	40
Análise	41
III – Conclusão	46
Bibliografia	48
Anexo	

Introdução

Os valores que a sociedade atribui ao homem e à mulher, incorporados a todo integrante que chega via educação, religião, mídia e outros, definem um destino diferente a cada um dos sexos. A questão extrapola os limites biológicos, de força física e fragilidade, se ligando a uma perspectiva histórico-cultural, na qual se pode encontrar diversos exemplos de tentativa de preservar a dicotomia entre feminino e masculino, aprisionando a pessoa, especialmente a mulher, ao cumprimento de uma função social que determinada cultura lhe atribui.

Nesse sentido, diversas profissões são oferecidas às mulheres, por apresentarem características adequadas às funções feminina: cuidado, partilha, solidariedade, emoção, amor. Essas características, embora essenciais para continuidade da vida, são desvalorizada no domínio público, pois lá, quem não compete, morre.

De acordo com a literatura especializada, a biblioteconomia situa-se entre as profissões tidas como “feminina”, sendo este enquadramento uma forte evidência de que há discriminação nesta área.

A partir dessas constatações, o presente trabalho visa, numa perspectiva de gênero, estudar as razões da existência de estereótipos e preconceitos em relação à imagem profissional do bibliotecário.

Desejando tornar transparente este tema, por demais complexo, principalmente para se relacionar com a mulher bibliotecária, foi preciso traçar um pensamento reflexivo-crítico da imagem da mulher na sociedade para expor uma análise. Buscou-se nos estudos antropológicos a importância da cultura sobre a formação da personalidade. Esses estudos permitem a compreensão da

existência de fenômenos culturais; como também amplia a visão de mundo, desconstruindo idéias generalizadas.

O presente estudo quer contribuir para a construção de uma imagem “verdadeira” do profissional bibliotecário, a partir da compreensão da origem de estereótipos atribuídos a este profissional.

I - Revisão de Literatura

A reconstrução histórica da imagem social da mulher

As particularidades do sexo feminino foram percebidas como “natureza” frágil e dócil, interpretada como inferior. E o homem como forte e resistente, superior. Esses atributos, somados aos valores sociais e morais, contribuíram para a formação das representações sociais acerca do que é ser homem e mulher. Esses valores foram hierarquizados de acordo com os critérios que serviram ao estado vigente das coisas, como por exemplo a divisão sexual do trabalho. Todos esses discursos corroboram para territorialização dos gêneros, que predispõem homens e mulheres a domínio de espaços circunscritos.

A colocação da mulher numa categoria com afinidade mais direta com a natureza é de ordem cultural, e está baseada na excessiva importância que dá a função puramente fisiológica de procriação específica das mulheres. As funções do corpo são usadas como determinantes de seus papéis sociais. As reais diferenças físico-anatômicas entre homens e mulheres foram vistas intimamente relacionadas com as diferenças emocionais e capacidade intelectual. Anatomia passou a ser destino.

Para melhor compreendermos esse universo, torna-se necessária a reconstrução histórica da mulher na sociedade, para a partir daí tentar evidenciar a relação da imagem social da mulher com a existência de estereótipos e preconceitos em relação à imagem profissional do bibliotecário. Traçando um breve histórico, reporte-se ao patriarcado, cujo o texto principal é o Gênese, que santifica as relações de poder que irão governar homens e mulheres e define a superioridade masculina sobre a feminina.

Na cultura judaico-cristã, a mulher e seu corpo aparecem, inicialmente, como símbolos de pecado, através de Eva. Primeira mulher que, seduzida pela serpente, foi responsável pela expulsão de Adão do Paraíso.

No entanto, Furlani (1992, 31-33) relata que, através dos testemunhos orais dos rabinos sobre o Gênese, chegou até os nossos dias a história de Lilith, como sendo a primeira mulher de Adão; criada do barro ao mesmo tempo que ele. Diz a autora que a mitologia bíblica do Gênese apresenta *“primeiro o homem como indivíduo composto de duas partes; a segunda fase revela o hermafroditismo do homem (possuidor de caracteres masculino e feminino); a terceira faz surgir um casal distinto: Adão e sua primeira companheira, igual e abençoada, Lilith”*. Diz a história que *“o amor que Adão sentia por ela foi perturbado quando Lilith pediu que invertesse as posições sexuais – a mulher por baixo e o homem por cima – para estabelecerem uma paridade que significaria a igualdade entre os dois corpos e as duas almas. Adão não aceitou que fosse transgredido a ordem. Lilith rebelou-se contra Adão e Deus e voou em direção ao Mar Vermelho. Jeová manda uma formação de anjos para alcançar Lilith, mas ela não é mais a companheira de Adão; está rodeada por todas as criaturas perversas saídas das trevas”*. A partir daí Lilith é transformada em demônio e passa a ser representada pela serpente, veículo do pecado. Para compensar a tristeza de Adão, Jeová criou Eva, moldada com as exigências da sociedade patriarcal. Homem para sempre adquiria a segurança de ser o primeiro da natureza e da humanidade e a mulher submissa desde o início. Acredita-se que a versão bíblica atual do Gênese censurou a lenda de Lilith durante a época de transposição de versão, na qual Deus era Jeová para versão sacerdotal. Lilith desejou a igualdade desobedecendo a supremacia de Adão. Eva, a sabedoria proibida, sem medo da punição, desobedecendo a de Deus. Lilith é o demônio e Eva representa o pecado que exclui o homem do Paraíso. Para Furlani, *seria ingênuo pensar que os autores tanto do Antigo como do Novo Testamento pudessem estar completamente isentos dos preconceitos da época em que viveram*.

São poucas as informações de que dispomos acerca da eras pré-patriarcais. O que se sabe é que o período associado ao patriarcado é tão extenso que não se pode dizer que o patriarcado é um processo cíclico ou não. Contudo, antropólogos e pesquisadores afirmam que a civilização ocidental e suas precursoras, assim como a grande maioria das outras culturas, basearam-se em sistemas filosóficos, sociais e políticos em que os homens – pela força, pressão direta ou através do ritual, da tradição, lei, linguagem, costumes, educação e divisão do trabalho – determinaram que papel as mulheres devem ou não desempenhar, e no qual a fêmea está em toda parte submetida ao macho.

Segundo Verucci (1987), o patriarcado tem influenciado nossas idéias mais básicas acerca da natureza humana e de nossa relação com o universo. Suas doutrinas eram tão universalmente aceitas que pareciam constituir leis da natureza; na verdade, eram usualmente apresentadas com tal. Porém, era o único sistema que nunca tinha sido abertamente desafiado em toda a história documentada. Hoje não é visto como tal sem polêmica, pois se existe uma estrutura psíquica diferente entre homens e mulheres é certo que não é inata, mas formada através das práticas de socialização.

Capra (1982) explica que, desde as remotas épocas a natureza tem sido vista como uma nutriente e benévola mãe, mas também como uma fêmea selvagem e incontrolável. Em eras pré-patriarcais seus aspectos foram identificados com as múltiplas manifestação da Deusa. Sob o patriarcado, a imagem benigna da natureza converteu-se numa imagem de passividade, ao tempo que, sendo selvagem e perigosa, tinha de ser dominada pelo homem. A mulher e a natureza passam a ser vista como uma coisa só. A noção do homem como dominador da natureza e da mulher e a crença no papel superior da mente racional foram apoiadas e encorajadas pela tradição judaico-cristão, que adere à imagem de um deus masculino, personificação da razão suprema e fonte do poder.

Muraro (1995) afirma que certamente já havia uma divisão sexual do trabalho. Esta divisão pode ter sido originada do fato de, por ficarem grávidas e se acostumarem a alimentar e proteger os filhos, as mulheres tivessem tendências a alimentar e cuidar do grupo todo, enquanto os homens caçavam e pescavam. É possível que a divisão sexual de trabalho tenha começado porque os homens queriam uma definição de suas funções como as mulheres tinham a sua, através da maternidade.

A mesma autora acredita ser provável que o mito e a crença em deus todo-poderoso nasceu com a descoberta do homem de seu papel na procriação. A partir daí passam a controlar a sexualidade da mulher. Do conceito abstrato de controle vem o conceito de superioridade do homem sobre a natureza e a mulher. O homem aloca a si mesmo o domínio do sagrado e a centralidade do poder e a mulher fica mergulhada no reino da natureza. Relata, também, que as sociedades patriarcais caracterizavam-se por um profundo medo da mulher. À menstruação, à nudez, o parto eram fortes tabus, o que levava a um acentuado antagonismo entre os dois gêneros: qualquer objeto tocado por uma mulher menstruada podia quebrar nas mãos de um homem; as plantas secavam e morriam, o solo ficava infértil. Aristóteles dizia que a *“mulher menstruada tinha o poder de empretecer os espelhos”*. Ele considerava “natural” a inferioridade da mulher em relação ao homem. Até o século XIX pensava-se que o *útero feminino fosse um receptáculo vazio que recebia o sêmen masculino e que somente este trabalhava para dar origem ao novo ser humano. E que o feto masculino adquiria alma aos quarenta dias, e o feminino, aos oitenta*. Somente em 1827 quando foi descoberto o processo de ovulação, o pensamento ocidental, até então baseado nas provas “científicas” de Aristóteles, começou a questionar as idéias tradicionais sobre o sexo feminino. (p. 64-113)

Nas sociedades agrárias, as mulheres são associadas à sedução, à traição por levar o homem para caminhos que os conduzem à derrota e à morte; a virgindade era altamente valorizada e o adultério feminino severamente punido;

sua sexualidade era controlada, mas não a dos homens. Isto deu origem à dupla função da mulher: a esposa casta, frígida, considerando o sexo como pecado e sujo, e por outro lado a prostituta, especialista nas artes sexuais. Aparecem as mulheres privadas e as mulheres públicas. O domínio público foi alocado ao homem, enquanto o feminino restringiu-se ao domínio da casa, do privado e da reprodução. (Muraro, 1995)

Na Idade Média, a casta dominante cristã desprezava a carne, as emoções e tudo estava associado à sexualidade e à mulher. O prazer e a mulher eram considerados culpáveis porque afastavam o homem de Deus; eram os piores dos pecados. Dessa ambigüidade só escapavam as mulheres celibatárias.

A partir da reforma gregoriana, Alta Idade Média, aumenta o culto à Virgem Maria e as mulheres são vistas, como descendentes de Eva, símbolo do pecado e da tentação. Quanto mais à Virgem era exaltada, mais as mulheres comuns eram consideradas longe do ideal da mulher encarnada por ela. Nesta época, o feudalismo foi sendo substituído por um sistema de governo mais centralizado e burocratizado. Assim, também, o conhecimento, principalmente a teologia, que foi se tornando mais sistematizado, e sua ortodoxia ficou sendo de maior importância política. Por esta época, a grande maioria dos que praticavam os cuidados de saúde eram mulheres. Fossem elas parteiras, curandeiras, enfermeiras ou médicas. Eram elas que manipulavam as ervas. Contudo, quem era treinado para as profissões médicas eram os homens, porque somente eles tinham o direito de freqüentar às universidades. Os médicos competiam com as mulheres que, conheciam as famílias que tratavam e dominavam milenarmente a química da plantas, o parto, o aborto, e os conhecimentos iam passando de mãe para filha, de geração em geração. Para a Igreja Católica, os elementos que não estavam totalmente sob o seu controle eram considerados como não-ortodoxos e dignos de extermínio. E foi o que aconteceu com essas mulheres, que foram perseguida e mortas sob a acusação de bruxaria. O período de caça às bruxas, inicia-se no

séculos XIII e vai até ao XIX. Das pessoas executadas por bruxarias, cerca de 85 % eram mulheres e, em sua quase totalidade, pobres. (Muraro, 1995, p.102-115)

Furlani (1992) menciona que as feiticeiras eram as mulheres que passaram a transgredir papéis de esposa, mãe ou religiosa e começaram a conquistar outro tipo de poder, ligado à saúde e à doença, aos mistérios da vida e da morte. Desafiavam uma corporação masculina nascente, a dos médicos, como também o poder do homem. Conheciam os poderes das ciências mágicas, como os da vontade, da imaginação, do sexo, do amor e do ódio. Diferenciavam-se da maioria das mulheres, pois tinham identidade e vontade próprias. No *Malleus Maleficarum*, obra conhecida em português como *O Martelo das Bruxas*, escrito pelos inquisidores dominicanos, diz que os praticante de bruxaria poderiam ser encontrados em maior parte no sexo feminino. As mulheres eram consideradas intelectualmente como crianças, perversas por natureza e mais fracas na mente e no corpo do que os homens. O manual auxiliava o bom cristão a reconhecer uma companheira de Satã, indicando comportamento, tais como: rejeição do cônjuge pela mulher; dedicação exagerada da mulher à criança, principalmente recém-nascidas, ou pedido para ficar sozinha com elas. Neste manual, "*Cleópatra era citada como a bruxa mais maléfica que o mundo já viu*". (Muraro, 1995, p. 86)

Muraro (1995) aponta que ao mesmo tempo em que a mulher e o demônio dominavam o imaginário e a moral européia, desencadeava-se outro processo completamente inverso: a literatura do amor cortês, que colocava as mulheres das classes dominantes num pedestal de pureza e idealização e fazia os cavaleiros cantarem o seu amor platônico por elas, a fim de terem coragem nas batalhas. Enquanto o pedestal se escondia nos salões dos castelos, a fogueira queimava por toda a parte, por todo o canto da Europa. Nesses romances, o homem era o senhor de todas as iniciativas e de toda a criação, e a mulher, o esplêndido silêncio, o mistério, a imobilidade, a submissão, a aceitação, o acolhimento.

No século XVII, a ciência era realizada 'para maior glória de Deus'. Capra (1982, p. 51) diz que, para Francis Bacon, chanceler da coroa no reinado de Jaime I, o objetivo da ciência era dominar e controlar a natureza. "*A natureza tinha que ser 'acossada em seus caminhos', 'obrigada a servir' e 'escravizada'. Devia ser 'reduzida à obediência'. Os cientistas deveriam 'extrair da natureza, sob tortura, todos os seus segredos'*". Muitas dessas imagens violentas parecem ter sido inspiradas pelos julgamentos de bruxas que eram freqüentemente realizados no tempo de Bacon. Como a natureza era comumente vista como fêmea, Bacon transferiu as metáforas usadas no tribunal para os seus escritos científicos. A idéia da natureza como uma mulher cujos os segredos têm que ser arrancados mediante tortura, com ajuda de instrumentos mecânicos, sugere fortemente a tortura generalizada de mulheres nos julgamentos de bruxas do começo do século XVII. Para o autor, a obra de Bacon representa um exemplo da influência das atitudes patriarcais sobre o pensamento científico. O saber feminino é sufocado diante do saber científico masculino.

A partir da época de caça às bruxas que se fixam os papéis como os conhecemos até hoje. *Poucas ousaram transgredir os novos estereótipos que iriam ser a base da nossa sociedade moderna, tal o medo que nelas deixou a caça às bruxas.* Em fins do século XVIII, estas mulheres já tinham seus corpos reprimidos e podiam, assim, transmitir aos seus filhos e filhas as regras de submissão que viriam a torna-los os operários e operárias submissos e de corpos dóceis do século XIX em diante. A partir daí as principais características da feminilidade são: domesticidade, dona-de-casa, mãe dedicada, pureza, piedade religiosa, submissão, frágil, despreparada para as atividades públicas. (Muraro, 1995, 115 - 126)

Entretanto, afirma Muraro (1995) que os estereótipos criados para o feminino a partir da Renascença que valiam para o feminino em geral só eram aplicados às mulheres que possuíam uma situação social que lhes permitisse vivê-los. Para a maioria das mulheres, eles não eram válidos. Porque eram

pobres, e os pobres sempre foram considerados seres humanos inferiores. Tradicionalmente, as mulheres sempre trabalharam nos campos, ganhando menos e obtendo menos privilégios e direitos legais. Embora fossem o esteio sobre o qual repousava a sociedade inteira, elas eram invisíveis. As mulheres pobres sempre tiveram e têm até hoje dupla jornada, em casa e no trabalho. Sempre trabalharam no setor reprodutivo (privado) e produtivo (público), mas seu trabalho nunca foi considerado produtivo, só o do homem.

Por ocasião da Revolução Francesa, século XVIII, foram as mulheres que tomaram a Bastilha. Uma enorme multidão enfurecida de mulheres esfomeadas avançou sobre Versalhes no ato que pôs fim à monarquia. *"Quando finalmente a monarquia foi destronada, as novas cidadãs foram reivindicar os seus direitos junto à Assembléia do Povo. Esta redigira a Declaração dos Direitos do Homem, e as mulheres redigiram a Declaração dos Direitos da Mulher. Mas quando sua autora, Olympia de Gouges, foi apresentá-la à Assembléia reunida, os deputados do povo responderam: "a Revolução Francesa é uma revolução de homens. Não podemos conceder os Direitos da Mulher porque hoje foi o dia em nasceram os direitos do homem. E Olympia Gouges, junto com Mme. Roland, foi decapitada pouco tempo depois, durante o Terror, por suas tendências moderadas"*. Depois da Revolução Francesa, as mulheres constituíram quase a metade das massa operárias do século XIX. Além de ganharem um terço do que ganhavam os homens, as mulheres praticamente davam a comida disponível para os homens e as crianças. Segundo Muraro (1995, p.128), as estatísticas da época mostram que a tendência a receber comida em último lugar era a mulher trabalhadora.

A ligação entre valores patriarcais e capitalismo foi assinalada no século XIX por Friedrich Engels. Para ele, a *"opressão das mulheres tinha suas raízes no sistema econômico capitalista e deixaria de existir com a extinção do capitalismo"*. Porém, as críticas feministas assinalam que as atitudes patriarcais são muito mais antigas do que a economia capitalista e estão muito mais profundamente arraigadas na maioria das sociedades. (Capra, 1982, 188)

Marx e Engel foram, contudo, importantes pensadores do século XIX a analisar divisão sexual do trabalho. Em primeiro lugar, *“afirmavam que a divisão sexual do trabalho teve origem a uma divisão social do trabalho, que, por sua vez levou à especialização. Esta, também por sua vez, levou ao aperfeiçoamento de tecnologias que deram origem aos excedentes (lucro), algo que sobrava após terem sido satisfeitas as necessidades de sobrevivência dos grupos. Estes excedentes poderiam ser usados como valores de troca, dando origem a uma classe dominante que não precisava trabalhar e vivia da venda dos excedentes, escravizando boa parte das populações (...). A classe dominante defendia a propriedade dos excedentes, da terra, que mais tarde, com a expansão da agricultura, viria se tornar propriedade de alguns poucos em detrimento da comunidade. Nesta época, o sexo feminino é também dominado e a mulher fica reduzida ao âmbito do privado, a fim de fornecer o maior número possível de filhos para arar a terra e defender a terra e o Estado. A competição pelas mulheres, pelos excedentes e pela propriedade foi pouco a pouco dando origem à supremacia masculina a uma cultura competitiva”*. (Muraro, 1995, p. 63)

A partir do século XIX, o comportamento competitivo é apresentado como ideal para os homens, e espera-se das mulheres o comportamento submisso, mas também se espera esse comportamento submisso dos empregados, de quem se exige que neguem suas identidades individuais e adotem a identidade e os padrões de comportamento do grupo. A promoção do comportamento competitivo foi defendida pelos darwinistas sociais do século XIX, que acreditavam que *“a vida em sociedade deve ser uma luta pela existência regida pela “sobrevivência dos mais aptos”*. Assim, a competição passou a ser vista como a força impulsora da economia, a abordagem agressiva tornou-se um ideal no mundo dos negócios. (Capra, 1982, 41)

Darwin publicou sua teoria da evolução, *A Origem das Espécies*, em 1859, e completou-a doze anos depois com *A Origem do Homem*, onde o conceito de

transformação evolucionista de uma espécie em outra é ampliado, passando a incluir os seres humanos. Para Capra (1982, p.106), Darwin mostrou que suas idéias acerca dos traços humanos estavam fortemente impregnados do preconceito patriarcal de seu tempo, apesar da natureza revolucionária de sua teoria. Ele viu o macho típico como forte, bravo e inteligente, e a fêmea típica como passiva, frágil de corpo e deficiente de cérebro. Ele escreveu: *“o homem é mais corajoso, combativo e enérgico do que a mulher, e tem um gênio mais inventivo.”*

Saffioti (1976) enfatiza que a veneração pela riqueza, criada pela sociedade capitalista, interferiria no processo de busca de prestígio. De tal modo que, o prestígio do homem era medido pela capacidade ociosa de sua esposa, as mulheres dos estratos sociais médios, primeiramente as solteiras e depois as casadas. A idéia de que a missão da mulher é o casamento e a procriação conduziu não propriamente a uma qualificação da força de trabalho feminino, mas a uma especificação que destina as mulheres das camadas intermediárias da sociedade às ocupações subalternas, que além de mal remuneradas, implicam em desprestígio de classe e sem perspectivas de promoção. Diante de alternativas poucas promissoras, a mulher da pequena burguesia permanecia no lar ou aceitava as poucas oportunidades que se lhe abriam no mercado de trabalho. As famílias proletárias, por sua vez, e na medida de suas possibilidades, adotam, num simulacro de prestígio, a ideologia da classe dominante: a mulher deve ser exclusivamente dona-de-casa, guardiã do lar. E as próprias mulheres, em sua imensa maioria, têm de si próprias uma imagem cujo componente básico é um destino social profundamente determinado pelo sexo. Ela própria, insegura no mundo, joga com a desvantagem de ser mulher, situando seus alvos em planos pouco ambiciosos.

Fernandes (1996, p. 179) aponta que na sociedade patriarcal a estrutura da família é nuclear, ou seja, o lar é compartilhado por membros de uma única família. Esta estrutura familiar – unidade de reprodução - surgiu para dar suporte

ao patriarcado, cuja sociedade está centrada na competição e na luta pelo poder e pela aquisição de bens. Na família nuclear, a mulher foi feita "rainha do lar" para assegurar sua permanência em casa atuando como suporte moral do marido, e preparando os filhos para o alto grau de competitividade inerente a esta sociedade.

Janeway e Dinnerstein apud Fernandes (1996, p.181) afirmam que o patriarcado é " *resultado de uma atitude inconsciente dos homens que revela um certo receio em compartilhar o exercício do poder com as mulheres, e acabar retornando ao modo de relacionamento infantil, quando eles eram dependentes de e controlados por suas mães. Então, ao se tornarem adultos, eles mantêm a ideologia de que tudo que se refere ao gênero masculino (independência, atividade, poder, força, etc) é melhor comparado à passividade, submissão e fragilidade feminina*".

Rich apud Fernandes (1996, p.181) acredita que a experiência da maternidade era algo que não compromettesse a individualidade da mulher, deveria ser a expressão de um desejo consciente de ser mãe. Entretanto, a sociedade patriarcal transformou a experiência da maternidade em uma instituição social com o objetivo de controlar e subjugar as mulheres. Esta instituição divulga a imagem da "rainha do lar", "mãe amantíssima", "esposa fiel e devota", criando uma ideologia que define a mulher em relação ao marido (como esposa), e aos filhos (como mãe), negando à mulher identidade própria.

Século XX, depois da Primeira Guerra Mundial, o culto à domesticidade ficava cada vez mais popular. Freud dava uma nova base "científica" ao culto da domesticidade: "o verdadeiro lugar, aquele onde mulher poderia exercer seus instintos maternos quanto a sua sexualidade, seria o âmbito do doméstico". Durante toda a década de cinquenta, são bombardeadas com uma ideologia baseada em Freud de que a mulher verdadeira é a dona-de-casa e a boa mãe,

isto é, aquela que não compete com o homem, a que não se masculiniza. (Muraro, 1995, p. 137, 172)

Saffioti (1976, 290-295) diz que a teoria freudiana contribuiu para manter a mulher envolta em mitos cuja vigência limitou largamente a mudança dos papéis sociais femininos. Na tentativa de buscar nos fatores anatômicos a explicação dos traços psicológicos da mulher, Freud acabou desfavorecendo à mulher: "*o destino da mulher está impresso em sua anatomia*". Diz a autora que, de acordo com a Psicanálise de Freud, embora as disposições masculinas e femininas sejam reconhecíveis já na infância, só na puberdade surge uma diferenciação definida entre o caráter dos dois sexos. Esta diferenciação da infância se deve à coincidência de zonas erógenas em os ambos. O desenvolvimento da libido a partir da puberdade é que vai, especificando as zonas erógenas diversas para o homem e para a mulher, responsabilizar-se pelo aparecimento de um caráter feminino e de um caráter masculino. "*O primeiro objeto amoroso para ambos os sexos é a mãe. Na puberdade, quando o comportamento dos sexos assume padrões diversos, enquanto o menino conserva ao mesmo tempo a zona erógena e o objeto amoroso, a menina deve mudar ambos: a zona erógena deixa de ser o clitóris para ser a vagina; o objeto de amor deixa de ser a mãe e passa a ser o pai*". Esta ruptura é feita sob o signo da hostilidade, porquanto a menina responsabiliza a mãe por não ter um pênis. Para Freud algumas das neuroses femininas está nos traumas causado por estas mudanças. Freud acrescentou-se a isso o complexo de castração, que no menino assume uma forma positiva – significa o medo de que o privem daquilo que já tem. Nas meninas assume a forma negativa – na ausência, onde se estabelece o complexo, por se sentir inferiorizada por não possuir um pênis. Essa ausência é responsável por todo seu desenvolvimento ulterior no que tange à caracterização da mulher. Encarada como um defeito básico que determinará as emoções, as atitudes, os interesses e os desejos femininos. Desta forma, a constituição anatômica é o determinante essencial do comportamento manifesto e não-manifesto do elemento feminino e "*se expressa na negação de seu sexo; na vaidade; no exagero obstinadamente*

rebelde de sua masculinidade; na sua menor capacidade de realização intelectual; no desejo de independência etc., traços da personalidade feminina que funcionam como compensação de seu defeito anatômico básico”.

A mesma autora enfatiza que, ao mito da submissão feminina, habilmente nutrido até os dias atuais, sobretudo pela imprensa chamada do “coração”, Freud acrescentou o mito da passividade. Assimilando o ativo ao viril e o passivo ao feminino, legitimando cientificamente o velho mito, promovendo sua ampla aceitação nas sociedades. Transformou o mito da passividade numa verdade auto-realizadora. Acreditando na passividade como propriedade intrínseca da personalidade feminina, “verdade” afirmada pelos livros científicos, a mulher se definiu de fato como uma criatura passiva, ratificando suas concepções através do comportamento manifesto. Complementando, diz Capra (1982, 173): *“a psicologia freudiana é basicamente uma psicologia do conflito. Em sua ênfase na luta existencial, Freud foi indubitavelmente influenciado por Darwin e os darwinistas sociais. Reconhece-se hoje que as deficiências em sua abordagem são devidas, em parte, ao condicionamento cultural do próprio Freud”.*

Os dispostos nos parágrafos anteriores permitem concluir que, durante todo esse longo período, a mulher foi sobrecarregada com preconceitos de isolamento e sentimento de inferioridade. Tanto a estrutura psíquica masculina quanto a feminina foram moldadas nas relações entre eles, e destes com o meio ambiente.

De modo geral, os autores afirmam que a mulher acabou com a separação do mundo privado e público ao entrar no mercado de trabalho. Vivemos o pós-patriarcado. Hoje, a mulher entra em massa no setor público, embora muitas mantém dupla jornada de trabalho (doméstico e produtivo). Mas o que já está acontecendo é que a divisão sexual do trabalho esta mudando também a posição de ambos os gêneros dentro do domínio do privado. Os homens começam a dividir com elas os trabalhos de casa e a criação dos filhos. Os antigos estereótipos começam a cair e as mulheres já tem acesso ao poder, e os homens começam a

se relacionar melhor com seu corpo e suas emoções. Mas paradoxalmente, enfatiza Muraro (1995, p.194) *"elas estão fazendo isto com a estrutura psíquica que o sistema competitivo lhes alocou, isto é o domínio arcaico da solidariedade e da partilha ao passo que ao homem couberam a competitividade e a agressão"*.

Feita as exposições anteriores, necessárias ao entendimento do tema, apresenta-se a seguir, dentro do contexto social da mulher, o presente estudo.

A presença feminina no desenvolvimento da biblioteconomia: contribuições e implicações.

Ao início de um esboço histórico do papel do bibliotecário e sua atuação junto ao meio sócio-cultural, vamos encontrá-lo nos antigos conventos, mosteiros, palácios e universidades.

Segundo Muraro (1995), os mosteiros foram sendo criados, principalmente, depois que o cristianismo se tornou a religião oficial de Roma. Os primeiros cristãos rompem com os papéis sexuais tradicionais e advogam como estado perfeito de vida o celibatário. Estes novos papéis, que se afastavam da família convencional, eram bastante atraentes para as mulheres das classes populares, sobrecarregadas com o trabalho doméstico e o externo a casa, inclusive mulheres das famílias dominantes se sentiram atraídas pela nova religião. Nos primeiros séculos do cristianismo, homens e mulheres celibatários dedicavam-se inteiramente ao serviço de Deus, e isto era uma promoção enorme para as mulheres.

Nesses mosteiros, as mulheres tinham um destacado papel e muitas vezes eram consideradas com dignidade tão grande quanto a dos bispos. Com o

decorso do tempo, a administração do cristianismo foi se tornando autoritária e centralizada, e eram apenas estas mulheres religiosas que podiam ter algum desenvolvimento intelectual e de sua capacidade de decisão.

O celibato livrava as mulheres não só da sobrecarga da domesticidade e da reprodução, como também do domínio masculino. As mulheres consagradas foram construindo suas próprias estruturas nos primórdios da Idade Média, se tornando muito poderosas e influentes.

As abadessas foram se tornando muito ricas, governando vastos domínios, até o século IX, quando Carlos Magno formou o Santo Império, tornando-se senhor absoluto de boa parte da Europa. Carlos Magno queria excluir as mulheres de certos papéis, afetando fundamentalmente o *status* das mulheres na Igreja. As diáconas foram proibidas de ajudar a missa, e as abadessas passaram a ser subordinadas aos bispos. As monjas foram proibidas de educar meninos, sob o pretexto da fraqueza de seu sexo e da instabilidade de suas mentes, ficando, apenas, com a educação de meninas. Passando os meninos serem educados em escolas palacianas.

Muraro (1995, p.104) destaca que, "*na área da cultura, as mulheres eram tão ativas e competentes que uma monja do século X, Hroswitha de Ganderhein foi considerado por cinco séculos o(a) único(a) escritor(a) da Europa.*" (sic.)

O conceito tradicional de biblioteca advém de séculos, e prendia-se à imagem de organismo destinado à conservação de documentos. De acordo com Martucci (1996, p. 228), "*a função do bibliotecário restringia-se aos mosteiros e às universidades, no sentido estrito de preservação do patrimônio da humanidade, do armazenamento do 'tesouro do saber'*".

Esta exigência, de preservação e armazenamento, nasce do próprio desenvolvimento intelectual do homem, que, num dado momento histórico,

manifesta a necessidade de transmitir seus pensamentos e experiências, não mais através das tradições orais, mas por meio dos caracteres simbólicos da linguagem escrita.

Muraro (1995) diz que, na Alta Idade Média, a tradição oral foi substituída por leis escritas, onde os homens recebiam direitos e as mulheres, restrições. Nesta época, Feudalismo, os postos de estado só deviam ser preenchidos por homens, exigindo que esses recebessem educação adequada para a ocupação de tais postos. Isto fez com que o poder de educar passasse dos mosteiros e conventos para as escolas nas catedrais e universidades, onde as mulheres eram barradas. Excluíram-nas da cultura e da política. A Igreja, também, centralizou-se sob a dominação masculina. As grandes abadessas foram sucedidas por burocratas e uma hierarquia masculina.

O ponto de inflexão disto ocorre por ocasião da reforma gregoriana que, nos fins do século XI, enclausura as mulheres, diminuindo em muito a sua influência, dando início na Igreja a uma literatura cada vez mais misógina (aversão às mulheres). A partir daí, o celibato torna-se estrito aos padres; as mulheres passam a ser vistas como descendentes de Eva, símbolo do pecado e da tentação. Paralelamente, aumenta o culto à Virgem Maria e o medo da mulher no seio da Igreja.

A partir do século XIII, Muraro (1995), desaparecem as grandes mulheres da Igreja, as abadessas, como Hildegard de Bingen, Horswitha de Gandersheim e Leoba .

Até meados do século XV quase não havia livros na Europa, pelo fato da maioria das pessoas não saber ler. Katzenstein *apud* Martucci (1996, p.227) relata que "*a produção de livros era insignificante e o público comprador era constituído de membros da realeza e da nobreza, e às vezes, ricos proprietários de terras.*" Suas bibliotecas eram constituídas de manuscritos comuns e iluminuras.

Nesse mesmo período, entre 1452 e 1455, na Alemanha, a invenção da imprensa por tipos móveis é atribuída a Johannes Gutenberg. Esta foi uma invenção decisiva, pois a partir desse momento tornou-se possível difundir universalmente o livro, espalhando-se rapidamente por quase toda a Europa.

Conforme Ronan (1987, p. 10), *“os comentários e os originais não estavam mais sujeitos a ser desfigurados pelos erros dos copistas; e enquanto a cópia era um processo moroso, tedioso, de alto custo e, na sua maior parte, confinado aos mosteiros, a imprensa proporcionava reproduções mais rápidas e baratas. E, uma vez que apenas uma quantidade relativamente pequena de estudiosos podia ler o latim, os impressores começaram a produzir livros em língua vernácula. Isso significava espalhar o novo pensamento da Renascença para muito além dos confins do claustro e da universidade”*.

Atravessando o Atlântico, chegamos à América Espanhola, séculos XVII, onde, Juana Inés, mexicana, é considerada a maior poetisa lírica da era colonial.

Furlani (1992, p.80) relata que apesar de os escritos, a arte, os poemas e a obra de diversas mulheres terem sido injustiçados pela história, as cartas de várias monjas conseguiram ser perpetuadas. Segundo autora, Sórora Juana Inés de la Cruz (1651-1695), desde de pequena despertava a atenção com seus conhecimentos. Aos três anos aprendeu a ler, e aos oitos compôs um poema dedicado ao Santíssimo Sacramento. Com a finalidade de consagrar sua vida no saber, Juana Inês entrou para o convento. Lá reuniu uma Biblioteca de 40.000 volumes, fez experiências científicas, escreveu poemas e peças de teatro. O bispo de Puebla tentou reprimir suas atividades e aconselhou-a a voltar-se apenas para a religião. Enfatiza autora que, em longa carta, conhecida como Resposta à Irmã Filotéa, Juana Inês advogou o direito da mulher ser educada, defendendo o caminho que escolhera para vida. A autora não menciona as razões e nem a data, apenas informa que, dois anos depois de ter escrito a carta, Juana Inês desistiu de

qualquer contato com o mundo, assinado uma "confissão" (grifo meu) com seu próprio sangue. Vendeu seu livros e instrumentos científicos, e dedicou-se apenas à religião.

Lembrando que, nessa época, a Igreja exercia um forte controle e repressão ao saber da mulher

Na Inglaterra, a emergência das bibliotecas públicas no século XIX foi resultante das transformações sociais que ocorreram com o desenvolvimento da indústria e a crescente urbanização, afirma Mueller *apud* Martucci (1996). Esperava-se que as bibliotecas contribuíssem, dando continuidade ao trabalho da escola primária, para a ordem social e o progresso nacional. Nos Estados Unidos, a biblioteca era considerada um meio de espalhar a educação, com igualdade para todos. Sua promoção baseava-se na fé pela educação como base na democracia.

Ironicamente, na mesma época, nos Estados Unidos, segundo Kremer (1983), as mulheres não eram admitidas nas universidades e em muitas bibliotecas elas não eram aceitas nem como leitoras. A primeira biblioteca a dar emprego a mulher foi a Boston Public Library, mas para exercer funções subalternas. Isso ocorreu em 1852. No entanto, em 1857, finalmente, foi admitida a primeira bibliotecária, contratada pelo Boston Athenaeum. A autora diz que esta situação mudou quando Dewey, com o apoio relutante da American Library Association - ALA e dos curadores da Columbia University conseguiu estabelecer com vinte alunos sua School of Library Economy, em 1887. Contrariando as ordens expressas dos curadores, Dewey abre as portas às mulheres, que somavam dezessete dos vinte alunos da primeira turma. Por este motivo, pouco depois, Dewey foi demitido da universidade. A partir dessa época, afirma a autora, a profissão começou a atrair as mulheres que, em poucos anos, passaram de minoria para maioria absoluta. Em 1889, Dewey mudou a sua escola para a University of the State of New York, em Albany.

Verifica-se que este fato caracteriza um período que estabeleceu um marco nas relações de gênero na profissão. Visto que, até o século XIX, a profissão era predominantemente exercida pelo sexo masculino.

Ao analisar os acontecimentos que marcaram a evolução do ensino de Biblioteconomia no Brasil, Mueller (1985) registra a presença feminina, com a introdução da influência americana na formação profissional do bibliotecário brasileiro, no fim da década de vinte, quando, em São Paulo, o Instituto Mackenzie, hoje Universidade, contratou a bibliotecária americana, Dorothy Muriel Guedes, para preparar a bibliotecária do Instituto, Adelpha Rodrigues de Figueiredo, para o curso de especialização na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. A necessidade de preparação da bibliotecária possibilitou a formação do segundo Curso de Biblioteconomia no País. As disciplinas desse curso refletiam a orientação americana, voltada para organização de bibliotecas, baseada em técnicas que incluíam a Catalogação, Classificação, Referência e Organização.

Saffioti (1976) discorre que, nos inícios do capitalismo, a mulher da pequena burguesia encontrava-se diante de alternativas pouco promissoras. Resignava-se a perda de função econômica, permanecendo no lar ou aceitava as poucas oportunidades que lhe eram oferecidas no mercado de trabalho. Ocupações que implicavam em desprestígio de classe.

Ibañez-Novion (1980, p. 9) menciona que, *"a relação da mulher no processo da produção das sociedades capitalistas é aquela que mostra, que enquanto o homem participa da produção material (como assalariado que vende sua força de trabalho ou como proprietário dos meios de produção) a mulher se vê confinada à esfera doméstica e produção privada dos valores de uso. Assim, as funções da mulher ficam assim reduzidas a três dimensões: a) reprodução biológica; b) educação e cuidado das crianças, doentes e velhos; e c) reprodução da força de*

trabalho consumido diariamente. Desta maneira, a produção e reprodução constituem um trabalho 'invisível', que carece de valor de mercado."

Desta forma, explica a autora, o trabalho feminino é visto como subsidiário, e em termos de salário, corresponde quantitativamente a uma importância secundária. Por isso o trabalho feminino e a remuneração que lhe compete são vistos como complemento do trabalho e salário masculino e não como uma parte eqüitativa.

A mesma autora afirma que todas as teorias são fundamentadas no fato indiscutível de que, entre homens e mulheres, existem diferenças biológicas. E que estas diferenças imperam sempre no desenvolvimento de trabalhos sociais. Mulheres geram e criam crianças, restringindo em algum grau a energia que podem dedicar em outra atividade e o homem em todo e qualquer lugar insere-se em tarefas que requerem longa ausência e força. Recorre-se à "fragilidade feminina" como um fator discriminatório. Para a autora, talvez, essa seja uma das idéias de maior peso, quando se decide tornar o trabalho feminino em secundário e como tal ser pago.

Na Biblioteconomia, o ingresso de mulheres a um curso, inicialmente, de domínio masculino, deve ter representado para elas uma nova perspectiva nas relações de produção. Entretanto, acredita-se ser provável que o desprestígio em que caiu o bibliotecário, transformando-o em "arrumador de livros nas estantes"¹, seja a penetração do elemento feminino neste setor ocupacional. Quanto mais as mulheres procuravam, menos os homens se interessavam. Pois afirma Kremer (1983) que de minoria, em pouco tempo, as mulheres passam para maioria absoluta. Tal hipótese deve ser investigada, porquanto baseia-se, no Relatório sobre Trabalho no Mundo, realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), em 1986, ao afirmar "que existem evidências de que, quando uma

¹ Expressão utilizada por Atienza (ver bibliografia).

ocupação ou profissão se torna predominantemente feminina, seu status social e econômico diminui.” (ADM, 1986, p.9)

A exemplo de outra profissão, Saffioti (1976) constata que, no Brasil, até 1930, a representação feminina nos cursos superiores era bastante escassa, concentrando-se, sobretudo, nas Faculdades de Farmácia, ao passo que a procura desse ramo de estudos por parte do elemento masculino era reduzidíssima, em face da procura dos cursos de medicina. Argumenta que a transformação do farmacêutico em vendedor de remédios industrializados se deu pelo ingresso da mulher na profissão. No mundo patriarcal, o trabalho da mulher ainda que seja igual do homem tende a ser menos valorizado.

Na literatura especializada encontra-se, também, a Biblioteconomia qualificada como profissão feminina. Os autores pressupõem uma relação direta da presença feminina ao baixo status e desvalorização da profissão.

Harvard-Williams (1975, p. 1) enfatiza que, *“o status do bibliotecário é baixo, apesar de a profissão ser regulamentada por lei. A Biblioteconomia é uma profissão predominantemente feminina e os salários são reduzidos, embora venham melhorando, tanto quanto vem aumentando o ingresso de homens em bibliotecas”*

Shiller *apud* Atienza (1979) diz que, *“a biblioteconomia situa-se entre as ocupações rotuladas como tipicamente feminina, sendo este enquadramento uma forte evidência de que há discriminação nessa área”*.

Giacometti (1987) afirma que somos predominantemente mulheres, ao observar a participação feminina nos congressos, seminários e encontros de profissionais bibliotecários.

Litton *apud* Martucci (1996, p.240) destaca que, "a biblioteconomia tem sido, tradicionalmente, um trabalho que as mulheres realizam com perfeição e a profissão é geralmente exercida por elas. Por outro lado, um número cada vez maior de homens se dedica à profissão, alcançando as mais altas posições, em proporção inversa à sua força numérica."

Na relação de gênero na profissão, Atienza (1979) relata que o estudo elaborado nos Estados Unidos, para se determinar o *status* homem-mulher dentro da biblioteconomia americana, comprova que os homens, ainda que exercendo uma atividade "dita essencialmente feminina", recebem melhores salários e ocupam as posições-chave. A autora diz que a explicação para este fato seria a internalização, em nível consciente, do conceito de que os homens, atuando nos altos postos, fariam com que elevasse o "status" da profissão. A autora acredita que este fato, também, está relacionado à tradição cultural de que o homem é ser superior e, portanto, detentor do poder de mando.

Botassi (1984, p. 1), autora do artigo Bibliotecária(o): a profissão no feminino e no mercado, afirma que a opção de ser bibliotecária(o) vai além das circunstâncias vocacionais.

"As circunstâncias que nos levaram a escolher o curso de biblioteconomia foram diversas, em geral advieram do nosso interesse por conhecimento, mas muito poucas resultaram de fatores vocacionais, da consciência da atuação profissional e do interesse por essa profissão.(...) No entanto, o motivo que nos levou a ela, para além das circunstâncias, foi o de termos escolhido uma profissão adequada "à nossa natureza" feminina. (...) Assim, enquanto mulheres, de acordo com nossa formação, seríamos levadas a prestar serviços ou cuidados e se não bibliotecárias, seríamos enfermeiras, assistentes sociais, ou exerceríamos profissões "úteis" à sociedade, de "natureza" especificamente feminina." P. 3

Pressupõe que as mulheres procuram a biblioteconomia porque esta possui características que melhor adequem seus traços bio-psíquicos: fragilidade, submissão e dependência. Para a autora, a mulher transporta sua condição de posição inferior na sociedade para a profissão.

A partir do texto de Botassi, surgiu a necessidade de olhar primeiro a mulher no contexto cultural e social e transportá-la para o contexto da biblioteconomia, visto que a profissão de bibliotecário é predominada por mulheres.

Todos os sistemas humanos de organização são construções culturais, diz Verucci (1987, p.100). São elaboração complexa de comportamentos, normas e costumes emanados dos seres humanos que os compõem, homens e mulheres. A observação da "condição feminina", física, social e psicológica, é usada para considerá-la ligada à natureza. E essa natureza foi impressa nas instituições, nos costumes e nas leis que tratam das relações entre os homens e as mulheres.

Diz, ainda, que as funções do corpo da mulher são usadas como determinantes de seus papéis sociais e esses papéis tradicionais formam na mulher uma estrutura psíquica diferenciada. Para provar a subalternidade da mulher, apelou-se para religião, filosofia, biologia, psicologia e o direito do mundo moderno. *"O círculo vicioso se instala. Quando um indivíduo ou um grupo é mantido em situação de inferioridade ele se torna inferior"*.

Em nossa cultura, a mulher é socializada para ter um comportamento mais rigoroso e mais conservador do que o homem. A simbolização feminina é vista como causa "natural" da subordinação da mulher.

Para Botassi (1984), no período de formação, o aluno de biblioteconomia é condicionado a tratar a informação e o usuário com passividade. Quando entramos na vida profissional, é que percebemos que tanto as informações

obtidas quanto às técnicas de tratamento da informação e atendimento ao usuário foram acrescentadas e ampliadas nossas características femininas.

Litton apud Martucci (1996, p. 239) para ele a profissão exige predicados e atributos pessoais, ou virtudes essenciais, que para Martucci caracterizam-na como profissão feminina: esses requisitos deixam claro que existe uma relação da imagem social da mulher com a imagem do profissional bibliotecário.

- espírito de ordem: requer espírito sistemático e analítico, não havendo lugar, na biblioteca moderna, para pessoas desorganizadas,
- necessidade constante de educação: existe a necessidade de uma constante ampliação de conhecimento para a aquisição de habilidades adicionais para o desempenho do trabalho;
- afabilidade no tato: possuir bons modos, delicadeza com os leitores, ter prazer em trabalhar diretamente em contato com o público, ser extrovertido, aproximar-se do leitor, descobrir seus interesses e desejos e cooperar na sua busca de informação;
- tolerância: trabalho com comunidades heterogêneas e a intolerância, impaciência, teimosia e obstinação não são aceitáveis, devendo se mostrar sempre tratável e simpático com seu público;
- condições físicas: devem ser simpáticos, comunicativos e de boa aparência física.

Botassi (1984) considera que nossa formação não corresponde à necessidade imposta pelo mercado de trabalho profissional, e que o ensino não é planejado em função do mercado de trabalho.

Capra (1982) enfatiza que a promoção do comportamento competitivo é uma das principais manifestações da tendência auto-afirmativa (poder, controle e dominação de outros pela força) de nossa sociedade. Sendo a competição a força impulsora da economia, e a abordagem agressiva o ideal para o mundo dos

negócios. Comenta, ser evidente, que se o comportamento agressivo, competitivo, fosse o único, tornaria a vida impossível. Por isso, conclui: espera-se das mulheres o apoio compreensivo, momentos de espontaneidade e descontração. Assim, secretárias, recepcionistas, enfermeira, donas-de-casa (inclui-se a bibliotecária) executam tarefas que tornam a vida mais confortável e criam a atmosfera em que os competidores possam triunfar. Elas alegram seus patrões; ajudam a apaziguar conflitos no escritório; são as primeiras a receber os visitantes e a entretê-los com conversas amenas.

Talvez seja isso que Botassi (1984) esteja se referindo; o aluno do Curso de Biblioteconomia não são orientados para tornarem-se competidores. Mas sim, como diz a autora, para exercerem uma profissão útil à sociedade. Desta forma, se mantêm submissos e dependentes das regras da instituição ou empresa nas quais atuamos.

Galbraith (1984) explica que o poder masculino e submissão feminina têm dependido, desde os tempos antigos, muito mais da crença de que tal submissão é a ordem natural das coisas. Uma parte da subordinação das mulheres era obtida pela instrução explícita – condicionamento explícito. Outra parte, certamente a maior, era (e ainda é) obtida pela simples aceitação daquilo que a comunidade e a cultura têm considerado há tempos como correto e virtuoso – condicionamento implícito. A submissão condicionada das mulheres procedia de uma crença, a crença feminina de que a vontade masculina era preferível à afirmação indevida da sua própria vontade e, em contrapartida, a crença masculina de que os homens tinham o direito de dominar em virtude de seu sexo ou das qualidades físicas e mentais a ele associadas.

Nas sociedades antigas, as formas de condicionamento eram exercidas através da religião e educação. Hoje, nas sociedades industriais modernas, além da educação e a religião, essas formas são, também, exercidas pelos meios de comunicação.

A mídia usa seu poder sugestivo para moldar as imagens das pessoas, distorcer nestas o sentido de realidade e determinar suas opiniões, seus gostos e seu comportamento. Sobre esta questão veremos mais à frente.

A mulher ao entrar no mercado de trabalho arca com o peso da determinação do sexo. Saffioti (1976) relata que o medo inconsciente do fracasso reduz as aspirações da mulher e diminui seu ímpeto de realizar. Desta forma, a mulher busca integrar-se na estrutura de classe através das vias de menor resistência, em campos julgados próprios às características de seu sexo. Analisa que, desse ângulo, a competição entre homens e mulheres é bastante diversa da competição dos homens entre si; a primeira talvez não chegue a ser verdadeiramente uma competição.

Feldman e Kiesler *apud* Barroso (1975, p. 706) procuraram mostrar em seus estudos que, tanto em tarefas masculinas como feminina, o sucesso do homem tende a ser atribuído à sua habilidade, e o da mulher, à sorte. Tentando controlar a expectativa de sucesso, esses autores procuram identificar duas ocupações: uma, em que a expectativa social fosse de que o homem tivesse maior sucesso; outra, que a expectativa favorece a mulher. Segundo os autores foi impossível identificar uma ocupação que a expectativa favorecesse a mulher: tanto homens como mulheres esperam que os homens sejam mais bem sucedidos até nas ocupações "femininas".

Segundo Robbins (1999), não existe nenhuma diferença consistente entre homens e mulheres na capacidade de solucionar problemas, capacidade analítica, direção competitiva, motivação, sociabilidade ou capacidade de aprendizagem. Entretanto, estudos psicológicos descobriram que as mulheres são mais dispostas a adaptarem-se à autoridade e que os homens são mais agressivos e têm mais probabilidade de terem expectativas de sucesso que as mulheres. Para o autor estas diferenças são secundárias.

Esta condição de profissão feminina não é uma particularidade da Biblioteconomia. Lima *apud* Santos (1995, p. 29) diz que, “ *a Enfermagem é uma das profissões da área de saúde, majoritariamente feminina, tanto pela situação objetiva (licença para procriação, amamentação, aborto) quanto pela influência subjetiva dos modelos ideológicos definidos socialmente (submissão, impotência, conformismo). Daí uma significativa divisão técnica, social e política do trabalho, resultando implicações como o menor prestígio profissional para quem a exerce.*”

Silva *apud* Nunes (1998, p.112) identifica, na enfermagem, funções fundamentalmente feminina: “*o trabalho da enfermeira não é desprestigiado por ser feminina, mas é feminino por ser desprestigiado.*”

Quando se fala no futuro do profissional bibliotecário, os autores, quase sem exceção, afirmam que as inovações tecnológicas tanto podem ser vistas como uma ameaça à biblioteca ou como uma oportunidade para a biblioteconomia tornar-se mais valiosa para sociedade do que tem sido até agora. Em suas previsões, afirmam que a tecnologia disponível determina como os serviços de biblioteca serão no futuro. Discute-se, também, a entrada de profissionais de outras áreas no campo de atuação dos bibliotecários devido à passividade e falta de liderança destes últimos.

É indiscutível a importância da tecnologia para biblioteconomia, pois facilita e amplia enormemente, tanto os serviços internos de bibliotecas, como as atividades de tratamento e recuperação da informação.

Penniman *apud* Lancaster (1994, p.10) afirma que “*as bibliotecas devem ser ativas e não passivas, enfatizando a distribuição de informação ao invés de sua guarda... Ele insiste que nos devemos concentrar nossas energias em alianças de pesquisas que assegurem que as bibliotecas venham a ser os*

sistemas de transmissão em demanda no futuro, e que nossa profissão desenvolva as qualidades de liderança para torná-las essenciais."

Molholt apud Lancaster (1994, p. 10) argumenta que *"o crescente poder e sofisticação da tecnologia de informação, que ameaçam a existência da biblioteca 'tradicional', poderiam, no futuro, valorizar como nunca a instituição e a profissão... Precisamos planejar uma mudança na nossa orientação, de guardião dos livros para guias através do universo do conhecimento...A habilidade dos bibliotecários de serem criativos, de se moverem para fora da biblioteca, e para dentro de papéis mais amplos da informação, nos dará a medida do bibliotecário do futuro"*.

Souza (1990, p. 135) aponta que *"a gerência das atividades bibliotecárias automatizadas tendem a ficar a cargo de não bibliotecários, pois sua curiosidade e não-preconceito os fazem alcançar mais rápida compreensão sobre o uso dos conteúdos"*.

Para Capra (1982), nossa cultura é dominada pela consciência masculina, que encontra plena satisfação na ciência e na tecnologia. O crescimento tecnológico é considerado tanto a solução final para nossos problemas como o fator determinante de nossos estilos de vida, de nossas organizações sociais e de nosso sistema de valores. A maioria das pessoas acredita que a tecnologia determina a natureza de nosso sistema de valores e de nossas relações sociais, em vez de reconhecer que é justamente o inverso; que nossos valores e relações sociais determinam a natureza de nossa tecnologia.

O sistema capitalista acolhe e é acolhido pela biblioteconomia na medida em que são conjugados interesses: o fomento ao lucro – na sociedade capitalista a informação transformou-se em mercadoria valiosa, deixou de ser um bem livre para ser restrito, assumindo característica de valor de troca; e o aumento da utilização de tecnologia, que contribui para aproximar a Biblioteconomia e a Informática.

Essa aproximação parece tirar do imaginário social a presença feminina na profissão. No futuro, podem vir a ignorar a contribuição da mulher, bibliotecária, no desenvolvimento da profissão. É possível que este componente associado a biblioteconomia seja um dos elementos que tem atraído o sexo masculino para o curso. Porém, ainda, é "visível" que a mulher predomina na profissão. O sexo feminino representa 92,89%² do total de bibliotecários ativos inscritos no Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região, que corresponde ao Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso de Sul. Talvez, o bibliotecário acredite que com adoção de tecnologia – elemento masculino - ele terá reconhecimento social e *status*. Essa busca pela valorização profissional através da tecnologia, expressa a conscientização do profissional da desvalorização e do baixo status da profissão.

Lancaster(1994, p 24), ao refletir sobre a aplicação da tecnologia na biblioteconomia, adverte que embora seja verdade que desenvolvimento tecnológico colocou algumas ferramentas novas dentro da biblioteca e nas mãos do bibliotecário, estas ferramentas não têm sido necessariamente usadas sabiamente ou com imaginação dentro da nossa profissão. Acrescenta que os catálogos *online* nada mais são do que catálogos de cartões em formato eletrônico. Não produzimos uma nova ferramenta, simplesmente automatizamos uma que já existia. Enfatiza que os bibliotecários acomodaram-se numa falsa sensação de segurança – crença de que a tecnologia pode e resolverá todos os nossos problemas de acesso à informação, e que, pela simples adoção de soluções tecnológicas, o bibliotecário ganhará prestígio e status. Afirma que as tarefas realmente intelectuais associadas com a profissão – análise de assunto, interpretação das necessidades de informação, estratégias de pesquisa – não são facilmente delegadas às máquinas. *"O que quer que ocorra com as bibliotecas enquanto instituição – uma coleção de materiais físicos, parece improvável que a*

² Dado fornecido pelo Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região em outubro de 2000.

expertise do bibliotecário habilitado seja substituída pela Inteligência Artificial ou qualquer tecnologia num futuro previsível p. 24

Ao se referir ao *status* das diferentes espécies de trabalho, Capra (1982, p. 223) constata que: “ O trabalho com *status* mais baixo tende a ser o mais entrópico, isto é, aquele em que a evidência tangível do esforço é mais facilmente destruída. Trata-se do trabalho feito repetidamente, sem deixar um impacto duradouro – preparar refeições, que são imediatamente consumidas, varrer o chão das fabricas, que logo estará sujo de novo, cortar sebes e gramados que não param de crescer. Em nossa sociedade, como em todas as culturas industriais, às tarefas que envolvem um trabalho altamente entrópico – serviços doméstico, serviços de reparações e consertos, agricultura – é atribuído o mais baixo *status*, e são elas as atividades a que são destinados os mais baixos salários, embora todas sejam essenciais à nossa existência cotidiana. Esses trabalhos são geralmente confinados a grupos minoritários e às mulheres. Os trabalhos com *status* mais elevado envolvem tarefas que criam algo duradouro – arranha-céus, aviões supersônicos, foguetes espaciais, ogivas nucleares e todos os outros produtos de alta tecnologia. É também concedido um *status* elevado a todo trabalho administrativo ligado à alta tecnologia.”

Souza (1990, p. 137) acredita que “a *Biblioteconomia* corresponde a uma atividade de apoio, estando na mesma categoria de outras atividades entrópicas de que fala Capra”. Em nota de rodapé menciona que acrescentaria, como tarefas entrópicas, a catalogação e classificação de publicações e o atendimento a usuários da informação.

A exemplo, curioso, de atividade classificada como entrópica é a comida, que pertence à mulher na esfera doméstica, mas nas mãos dos homens passa a ser “arte”, os *grands chefs de cuisine*. E o *status* não é o mesmo.

No caso da Biblioteconomia, podemos dizer que as técnicas utilizadas são entrópicas em si, ou, também, são por serem executadas, em grande maioria, por mulheres?

Imagem: o “real” mais “real” que a própria realidade

Com o advento da comunicação em massa, as imagens preconcebidas e as generalizações indevidas, em relação a pessoas ou grupos, têm sido reforçadas. Uma vez que se tornem suficientemente popularizadas, essas imagens adquirem existência autônoma. Muitos não se preocupam em saber se tal ou qual imagem realmente se ajusta ao grupo ou às pessoas em causa, nem procuram contrastá-las com a situação real. O mito torna-se uma realidade, e a realidade, uma exceção. Tais imagens estão no centro de um conjunto de sentido e significado.

Certos estereótipos são comuns em nossa cultura. Mesmo que não se acredite, racionalmente, neles, podemos ser influenciados pela idéia. Assim, atribuímos características ao indivíduo ou a um grupo e comportamo-nos em relação a eles de forma correspondente.

“Estereótipo foi um termo introduzido por Walter Lippman. Está baseado em informações categoriais que temos de pessoas integrantes de certos grupos. É a atribuição a todos os integrantes de um grupos, de características encontradas em alguns membros de grupo. Consiste numa categorização uniforme de determinados grupos, discrepante das características reais.” (Rodrigues, 1979, p. 121).

A divulgação de imagens divulgadoras de papéis idealizados para as mulheres participou de seu cotidiano do século XIX, na tentativa de construção

homogeneizante da imagem da mulher, no interior de definidas relações de gênero. Essa imagens manteve-se como parâmetro para a avaliação destas (mulheres) e, também como referência para auto-estima; constituiu em elemento importante na construção das subjetividades. Porém, não impediu que, além de papéis de mãe, dona-de-casa e esposa, as mulheres desempenhassem outros papéis atribuídos ao sexo masculino. (Pedro, 1996)

Nessa mesma época, nos Estados Unidos, a profissão de bibliotecário começou a atrair as mulheres. Em pouco tempo tornou-se predominante a presença feminina na profissão. (Kremer, 1983)

Segundo Ibáñez-Novion (1980), para alguns autores, a diferença, frente às possibilidades de trabalho, seria o processo de revolução industrial, a partir do qual as mulheres começariam a competir com os homens em termos de emprego. Os homens, ao percebê-las como grupo rival fazem de armas tanto econômico e legais, como ideológicas, para desta maneira tentar reduzir ou eliminar suas competidoras.

Ao longo do tempo, o conceito tradicional de biblioteca mudou. Além de organizar e armazenar, ela dissemina o conhecimento. Porém, no âmbito da profissão, a maior transformação ocorrida, principalmente, depois da década de 50, foi no significado de "conhecimento".

Segundo Druker (1993, p.4), *"depois da Segunda Guerra Mundial...o conhecimento está sendo aplicado ao próprio conhecimento. É a Revolução Gerencial. O conhecimento está rapidamente se transformando no único fator de produção, deixando de lado capital e mão-de-obra."* Complementando, diz Arruda apud Araújo (1991, p. 42): *" O fator de produção que será predominante é o conhecimento ou a informação tecnológica."* Desta forma, o conhecimento se transformou em um produto altamente competitivo.

Botassi (1984), ao analisar a profissão no feminino e o mercado, diz: *“é de reconhecimento geral entre nós que a informação é um dos fatores, senão o principal fator do poder vigente. O que demonstra a existência de uma contradição entre nós, que detemos, tratamos e prestamos a informação. Mas, se tratamos e prestamos, por que não interferimos na sua detenção, se não por passividade ou submissão?”*

Nesse sentido, explica Saffioti (1976, p.299), a mística feminina, elaborada com os requisitos que as técnicas de comunicação de massa e a ciência da propaganda permitem, constitui-se num adversário mais forte para a mulher moderna. O mito sobre a mulher e sua legitimação desempenham a mesma função essencial: *“visam eliminar possíveis competidores, sobretudo nas áreas de atividades mais valorizadas”*.

Lemaitrê (1982) fez uma retrospectiva da imagem do bibliotecário nas obras de ficção e concluiu que não oferecem uma imagem positiva, servindo o bibliotecário para dar corpo a personagens onde se condensam valores negativos. Questiona sobre a origem do rótulo pouco favorável que a sociedade atribuiu ao profissional, transmitindo estereótipos que até hoje influenciam o público. Contudo, o autor apenas comenta trechos de novelas, filmes e livros, tais como: *“ Jack Kerouac, em Satori em Paris, 1966, relata seus dissabores na Biblioteca Nacional onde ele só viu estranhos bibliotecários que admiram num erudito ou escritor, acima de tudo, sua letra bonita. Naturalmente ele teve que tratar com um velho empregado de avental e uma velha bibliotecária e estes seres estranhos foram consultar dossiês empoeirados e revistaram prateleiras altas até o teto”*.

O autor menciona que os bibliotecários descritos pela maioria dos romances são velhos, usam óculos e carecas. Se são mulheres, usam birotas e não têm nenhum charme. Acrescenta: *“Hubert Monteilhet, em Morrer em Frankfurt, 1975, descreve uma bibliotecária com a aparência de uma macaca esquelética e míope”*. Diz, também, que alguns escritores atribuem ao bibliotecário um caráter

agressivo e desagradável: “ a bibliotecária-chefe do escritor John Lê Carré é uma mulher desagradável e suscetível, com um voz autoritária.” Para o autor, todos personagens são excessivos e transmissores de uma imagem negativa.

Este conjunto de idéias generalizadas recebe vigorosas doses de reforço que lhe garantem a sobrevivência e a ordem competitiva.

Recentemente foi publicado no jornal, O Estado de São Paulo, um artigo do professor de Ética e Filosofia da USP, Renato Janine Ribeiro, sobre um programa televisivo para jovens apresentado na Globo. O professor relata que nesse programa um grupo de alunos queriam fazer um canal de TV, enquanto uma “professora autoritária” queria montar uma biblioteca. Na disputa, ganhou a TV. Para o autor, além de promover anti-educação, a imagem da biblioteca foi associada a autoritarismo.

Conforme Pesavento (1996, p. 39), tratando-se de imagens leva a vantagem sobre a palavra escrita pela força da sua mensagem podendo ser “lida” e compreendida até pelos analfabetos. Em todos os casos – quando a mulher é alvo do deboche – a imagem visa alterar a realidade. A força da imagem está na sua capacidade de mobilização, de gerar comportamentos desejados, de influenciar condutas e obter respostas. E pergunta: “*mas a mulher-caricatura, ridícula, frívola, leviana, cabeça de vento, inconstante, banal, a que fins se proporia enquanto imagem, além de despertar uma boa risada? Que função a imagem desempenha para aqueles que a concebe?*” Enfatiza que se as mulheres assumissem determinados papéis , elas obteriam “proveitos estratégicos”, ao reutilizar da linguagem da dominação para fortalecer a insubmissão. Ao assumir esta posição provocadora, talvez o “riso do outro” perdesse um pouco de sua graça original.

Natali (1982, p.10), jornalista na época, acreditava que a imagem negativa do bibliotecário tinha origem no fato da profissão ser eminentemente feminina: “*a bibliotecária não era respeitada por sua funções. Só o era por ser idosa. Merecia*

um "senhora" como vocativo". Constatou: "a imagem mudou, mas não toda". Para ele, a própria postura do usuário contribuía para pôr em dúvida sua competência: "a falta de explicitação da demanda que, mal formulada, aumenta os riscos de uma resposta bibliográfica insuficiente e com isso reforça as dúvidas sobre sua competência e de toda uma categoria profissional". Acrescenta: "a bibliotecária é a mulher, uma mistura de serviçal e de funcionária que se acredita apenas alfabetizada para guardar com capricho nas lombadas dos livros um número que permita sua rápida localização, tão logo é solicitado".

Argyle e Trower (1981) explicam que as relações com os outros constituem provavelmente a fonte mais importante da auto-imagem. Descobrimos como os outros nos vêem e em parte aceitamos sua opinião sobre nós. Está é a teoria "do espelho" relativo ao *self* – para nos ver, tratamos de observar como estamos refletidos nas relações dos outros. Se acreditarmos no que nos disserem, esses atributos podem tornar-se parte de nossa auto-imagem. A auto-imagem é parte descritiva – a espécie de pessoa que achamos que somos.

Para Barsoti (1987, p.13), o milagre na Biblioteconomia aconteceu quando foi introduzido a disciplina de informática no currículo mínimo na Escola de Comunicação Cultural, na USP, e diz: "Agora, até homens há nos cursos e na profissão. Não que antes não houvesse mas, convenhamos, éramos raros, mal visto e mal pagos."

Capra (1982) afirma que a personalidade de cada homem e de cada mulher não é uma entidade estática, mas um fenômeno dinâmico resultante da interação entre elementos masculinos e femininos. Entretanto, nossa cultura patriarcal distorceu o significado desses termos ao conferir ao homem os papéis de protagonistas e a maioria dos privilégios da sociedade. Em virtude disso, as mulheres têm sido tratadas tradicionalmente como passivas e receptivas e os homens, como ativos e criativos.

Hoje, o patriarcado é uma realidade tão bem sucedida que muitos não conseguem pensar na organização da vida humana de maneira diferente, em que o macho domina de direito e de fato. (Muraro, 1995)

Numa análise dentro da perspectiva de gênero, pôde-se identificar na literatura especializada a imagem feminina e masculina na forma de signos lingüísticos. Consciente ou não, o bibliotecário busca nos valores masculinos as características ideais para o perfil profissional. Essa imagem coincide com a adoção da tecnologia – elemento privilegiado em nossa sociedade e de grande importância no mercado. Contudo, a tecnologia em si não constrói uma imagem, por isso é preciso, também, a adoção de novos valores, intrínseco à própria tecnologia.

Witter (1999), com objetivo de conhecer o perfil ou as características do bom profissional da informação, registra os seguintes indicadores: criativo, dinâmico, pesquisador, comunicativo, simpático, crítico, atualizado e educado.

Segundo Pimentel *apud* Beraquet e Santos (1999), *"a formação do bibliotecário deveria ser feita na visão global do homem, envolvendo reflexão, crítica, criação e antecipação. Do ser paciente para o ser agente"*. Acrescenta Beraquet e Santos: *"o desafio do bibliotecário é ter criatividade, interesse pelo conhecimento e flexibilidade para acompanhar a evolução do mercado da informação para que este não seja tomado por outras áreas."*

Nesse sentido, a visão fragmentada da realidade é um obstáculo para compreensão da mente. O indivíduo não percebe que suas experiências, visão de mundo e de si mesmo, são perspectivas diferentes de uma única realidade. Assim, o bibliotecário fragmentou sua própria realidade ao ignorar, na contextualização dos acontecimentos, que a profissão é exercida com predominância feminina. A imagem social se constrói a partir do outro - como somos vistos.

Ojala *apud* Marcchiori (1996) em sua opinião, “ os bibliotecários, gerentes, especialistas ou encarregados de informação, são títulos que permanecerão, tanto quanto se reconheça a importância do trabalho de intermediação à análise, que venham a incrementar a interconectividade de pessoas com a informação desejada.... Contudo, este perfil ainda está distante da prática de uma proporção significativa da profissionais da área de Biblioteconomia, cujo reposicionamento vai depender da destruição de estereótipos e da demonstração de alta competência profissional.”

II – Método

Objetivo Geral

Estudar sobre as razões da existência de estereótipos e preconceitos em relação a imagem profissional do bibliotecário.

Objetivos Específicos

Evidenciar a relação da existência de estereótipos em relação ao profissional bibliotecário com a imagem social da mulher;

Introduzir a questão de gênero para analisar textos da literatura especializada;

Verificar a opinião dos formandos e profissionais sobre o tema.

Metodologia

Trata-se de um estudo do tipo descritivo, onde pretende-se investigar fatos relativos a eventos específicos registrados na Biblioteconomia, na Antropologia e em outras áreas do conhecimento humano, que permitam compreender a relação da biblioteconomia e o sexo feminino e suas implicações.

O estudo pretendido utiliza procedimentos qualitativos de análise, de modo a apreender a complexidade e abrangência da realidade pesquisada. O levantamento de fontes documentadas visa permitir a apropriação do objeto de estudo em suas diferentes dimensões e das relações que estabelece com o mercado de trabalho.

Concernente as técnicas de coletas de dados foi utilizado o questionário aberto, onde procurou-se orientar a resposta contextualizando fatos registrados na literatura especializada. O questionário foi aplicado aos 18 formandos do Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília via internet, por e-mail. Desses, 12 responderam ao questionário.

A seleção não se fez com uma preocupação quantitativa, pelo qual não se considera como uma amostra estatística, e sim para obter um grupo uniforme em termos de variável previamente definida: ser formando. A identificação dos formandos foi feita através da lista dos possíveis formandos, afixada na Secretaria do Departamento da Ciência da Informação e Documentação – CID. E em listagem contendo seus endereços eletrônicos

Todas as informações levantadas nos documentos e no questionário tornaram possível a análise e a interpretação das questões proposta no presente estudo.

Análise

Em linha gerais, os formandos identificaram a mulher como ícone da profissão bibliotecário. Atribuem à tecnologia como um dos fatores que vem

contribuindo para a valorização profissional. Porém, suas opiniões se diferenciam quanto às razões da existência de estereótipos à imagem do bibliotecário.

Quanto à desvalorização do curso, os formandos acreditam que não tem como causa a predominância feminina, mas sim a falta de expressividade dos profissionais. Isso, talvez, porque durante o curso o aluno percebe essa desvalorização e acaba acreditando que realmente é incapaz. Apontam que a procura pelo Curso de Biblioteconomia se dá como alternativa para os que não conseguiram passar em outro(s) curso(s).

Pode-se dizer que Saffioti (1976) e Martucci (1996) apresentam entendimentos que ilustram a opinião dos formandos. Isto porque a biblioteconomia pode representar uma via de menor resistência ao ingresso tanto para os homens quanto para as mulheres. Entretanto possui características julgadas mais próprias ao sexo feminino. Assim, as mulheres lançam-se em planos menos ambiciosos, o que pode resultar na falta de expressividade dos profissionais.

Dessa forma, numa relação de causa e efeito pode-se, então, perguntar: é a falta de expressividade que causa a desvalorização ou o inverso? Qual deles seria a causa? Ou ambos são efeitos? Sendo a Biblioteconomia uma alternativa, por que a predominância feminina?

No que se refere à existência de preconceitos quanto ao profissional bibliotecário, os formandos opinam que, independentemente dos tabus e estereótipos sobre a feminino, os preconceitos existem por falta de informação. Assim, a sociedade não consegue enxergar a importância da Biblioteconomia no processo de desenvolvimento social.

De fato, Argyle e Trower (1981) afirmam que os estereótipos são formas primárias de preconceito e operam de modo mais intenso quanto à ignorância.

Porém, à aproximadamente três décadas, Figueiredo (1961, p. 2), já falava da generalização do conhecimento do que seja a profissão de bibliotecário, aponta que *“os bibliotecários brasileiros ainda são considerados meramente como funcionários comuns, dos quais não se conhece nem a formação, nem as atribuições específicas da profissão. Acreditamos que, entre nós, somente os próprios bibliotecários é que sabem o que são, o que representa, e valem numa sociedade, são os únicos a terem ciência das atribuições específicas de suas funções e das responsabilidades de sua posição; são os únicos, ainda, a saberem quais os conhecimentos, aptidões e, finalmente, quais diplomas possuem”*. Diz ainda, que enquanto o bibliotecário for tido como “guardador de livros” e “confeccionador de fichas”, e julgarem-no apenas como uma pessoa cuja função é a de entregar as obras ao consulente, jamais teremos o reconhecimento da importância da profissão.

No entanto, considerando a própria importância que esta sociedade dá à informação, parece existir, por parte dessa, uma forte resistência à mudança de visão com relação ao profissional. É possível que muitos saibam da existência do bibliotecário, porém poucos querem conhecê-lo de fato. Pois, ainda, preferem se comportar, em relação ao bibliotecário, de forma preconceituosa. A imagem do bibliotecário constitui-se num “real” mais “real” do que a própria realidade, revelando percepções e valores que a sociedade lhe atribui. Isso se justifica pelo fato de até hoje não se libertar de estereótipos que não condiz com sua realidade.

Os formandos, demonstram ter consciência da existência de estereótipos em relação ao bibliotecário. No entanto, muitos acreditam que hoje o profissional vem alcançando seu reconhecimento. Isto porque os serviços estão cada vez mais globalizados e automatizados. Vêem na tecnologia o caminho para valorização profissional.

Para Lancaster (1994), os estudos que apontam a tecnologia como solução real para melhorar o acesso ao assunto, levantaram uma série de dúvidas.

Slater apud Lancaster (1994, p.15) *“enviou vários questionários a profissionais das áreas de engenharia, química e seguros, para estudar seu uso da biblioteca e dos serviços de informação no ambiente corporativista. Foi pedido aos respondentes que classificassem os 16 mais importantes departamentos ou serviços dentro das companhias. Os químicos colocaram a biblioteca em décimo lugar e as instalações de pesquisa online em décimo quinto. Os engenheiros colocaram a biblioteca em décimo segundo lugar e as instalações de pesquisa online em décimo quarto, enquanto que os profissionais de seguros colocaram as instalações de pesquisa online em décimo terceiro lugar e a biblioteca em décimo quinto. Para aqueles da área de seguros, somente esporte e recreação ficaram abaixo da biblioteca como valor para suas empresas. Os engenheiros classificaram a biblioteca somente acima de esporte e recreação, pesquisa online e alimentação (restaurante e cantina).”*

Martyn apud Lancaster (1994, p. 5) *“comparou os resultados de seu recente levantamento sobre cientistas de pesquisa com os resultados obtidos em estudos semelhante que lê realizou há mais de vinte anos atrás. O estudo mais recente indica uma consciência maior da importância da informação e um uso maior dos métodos de coletas de informação, mas não mostra um aumento correspondente na comparação da utilidade destes métodos. Mais significativo ainda, o número de casos de cientistas que descobrem informações relevantes tarde demais para que tenham um valor máximo nos seus estudos, parece estar aumentando ao invés de diminuindo.”*

Segundo Lancaster (1994, p. 16-23), nenhum desses estudos oferece evidências suficientes de que a tecnologia tem aumentado o acesso à informação de maneira significativa, ou que a imagem dos bibliotecários e outros profissionais da informação tem melhorado consideravelmente na era do computador. Enfatiza que o entusiasmo pela tecnologia que hoje existe em alguns segmentos da biblioteconomia faz lembrar o entusiasmo com os diagnósticos mecanizados que

existiu em alguns segmentos da medicina há cerca de vinte anos atrás, e que agora os problemas são muito maiores do que eles pareciam ser. Conclui que os especialistas humanos operam através de uma combinação de conhecimento, experiência e intuição. *"capturar o conhecimento em alguns formatos eletrônicos é possível e mesmo fácil, mas a substituição da intuição humana é tarefa que certamente ainda levará um bom tempo para ser conseguida"*.

Cabe relatar que dos 12 (doze) questionários aplicados aos formandos, apenas 1(um) percebeu nas suas experiências, durante os estágios, que a imagem que, geralmente, a mulher tem de si mesmo, inconsciente ou não, de fragilidade e de certa forma de incapacidade de tomar decisões, é passada para o meio em que ela atua. O profissional feminino mostra-se inseguro nos momentos de decisões e não tem iniciativa para defender suas idéias.

Para finalizar, importa salientar que no trabalho de pesquisa, dentro de uma perspectiva de gênero, não foi possível identificar que a figura masculina, no contexto da biblioteconomia, faria elevar-se o *status* profissional.

III - Conclusão

O estudo procurou evidenciar que a existência de estereótipos em relação à imagem profissional do bibliotecário tem forte relação com o fato da profissão ser predominantemente feminina. Neste sentido, a imagem profissional do bibliotecário teria sido construída a partir da imagem social da mulher. Desta forma, as características atribuídas ao bibliotecário, como passivo, dependente e sem iniciativa, estão intimamente ligadas ao universo feminino, e que diferenciam as mulheres dos homens.

Entretanto, o procedimento utilizado não permitiu levantar, de forma satisfatória, a opinião dos formandos que pudesse identificar a relação dos estereótipos do profissional bibliotecário com a imagem social da mulher.

Entende-se, também, que a atribuição dos traços de velho(a), careca, birote, sem charme ao bibliotecário só poderá ser completamente esclarecida no contexto de uma outra pesquisa, que estudasse os diversos significados que uma palavra ganha em nossa cultura, isto porque esses "traços" têm sido usado de forma pejorativa.

Vale notar que as expressões de "arrumador" ou "guardador" de livros e "confeccionador" de fichas conotam atividades manuais, valor feminino e de pouca relevância. Parece sugerir funções doméstica.

Por outro lado, a pesquisa permitiu compreender que a mulher, ao entrar mercado de trabalho, estará sempre em conflito de decisão, precisando permanecer no espaço doméstico, casando, tendo marido e filhos, enfrentando a pressão do mercado de trabalho para exercer a profissão ou ocupação, conjugar seus interesses atuando tanto no espaço privado quanto no público. Esta situação pode gerar conflito na mulher, tornando-se profissionais muito rígidas ou tão frágeis no desempenho de sua função.

Nesta visão, é possível encontrar bibliotecárias que escolheram exercer a profissão no espaço público e reproduzem os valores da esfera materno-familiar, sem serem movidas por projetos pessoal e profissional. Por outro lado, há bibliotecárias que assumem a competência profissional, em função dos interesses sociais e pessoais, objetivando alcançar maiores cotas de poder nas instituições.

O comportamento rígido pode ter contribuído para a formação da imagem “autoritária”; já o comportamento frágil, a imagem “submissa”. Contudo, a indústria cultural conduziu o desenvolvimento dessas imagens de forma inflexível e fixa, sem considerar a realidade como um todo.

Neste contexto, conclui-se que falta mudar a cabeça de homens e mulheres. A solução não é automática, pois a questão é complexa. Entretanto, à medida que todos, que vivem o cotidiano da biblioteca, assimilarem os acontecimentos culturais, conhecendo suas vinculações ideológicas, poderão construir, na condição de sujeito consciente de seu condicionamento histórico-cultural, sua própria história e sua “verdadeira” imagem profissional, da partilha e de cooperação, que não significa submissão, nem passividade.

Bibliografia

- ARAÚJO, Vânia Maria R. Hermes de. Informação: instrumento de dominação e de submissão. Brasília, *Ci. Inf.*, v.20, n. 1, p. 37-44, jan./jun. 1991.
- ARGYLE, Michael, TROWER, Peter. **Você e os outros**: formas de comunicação. São Paulo: Harper & Row do Brasil Ltda, 1981. p. 32-75
- ATIENZA, Cecília Andreotti, LIEBERT, Linda Haydée, FAAGUNDES, Vera Lucia Silveira. O bibliotecário: avaliação crítica e perspectiva. In.: ____ 10º CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1979, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Associação Bibliotecária do Paraná, 1979. p.744-85.
- BARROSO, Carmén Lúcia de Melo. Por que tão puçás mulheres exercem atividades científica? São Paulo, *Ciência e Cultura*, v.27, n. 7, p. 703-710, 1975
- BARSOTI, Roberto. Vida e morte do avestruz. São Paulo, *Palavra-Chave*, n. 6, p. 11-14, maio, 1987.
- BERAQUET, Vera Silvia Marão, SANTOS, Maria Lygia Kopke. Qualidade de ensino na Fabi-Campinas face ao moderno profissional da informação. São Paulo, *Transinformação*, v.14, n.1, p. 63-69, jan./abr. 1999.
- BOTASSI, Miriam. Bibliotecária(o): uma profissão no feminino e o mercado. São Paulo, *Palavra-Chave*, n. 4, p. 3-4, maio, 1984.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1982. 449p.
- DRUKER, Peter. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993. p.3-4
- FERNANDES, Alessandra Coutinho. Maternidade x patriarcado. In.: ____ FAZENDO GÊNERO. Seminário de estudos sobre a mulher, 1996, Ponta Grossa. *Anais...* Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1996. p. 179-182.
- FIGUEIREDO, Nice Menezes de. O bibliotecário: este desconhecido. In.: ____ 3º CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 1961, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 1961. p.120-124.
- FURLANI, Lucia Maria Teixeira. **Fruto proibido**: um olhar sobre a mulher. São Paulo:Pioneira, 1992. 157p.

- GALBRAITH, John Kenneth. Poder condicionado. In.: ____ **ANATOMIA DO PODER**. São Paulo: Pioneira, 1984. p. 25-38
- GIACOMETTI, Maria Marta, VELLOSO, Maria de Fátima. *Bibliotecária: uma profissão feminina*. Brasília, **B. ABDF Nova Sér.**, v. 10, n. 1, p. 15-16, jan./mar. 1987.
- HARVARD-WILLIAMS, P. S.E.O.: a biblioteconomia no Brasil. Brasília, **R. Bibliotecon.**, v.3, n.1, p. 3-15, jan./jun. 1975.
- IBAÑEZ-NOVION, Olga Cristina Lopez. **As mulheres, seus trabalhos e seus filhos**. Brasília: Universidade de Brasília, 1980.
- KREMER, Jeannette M. A formação dos bibliotecários nos Estados Unidos. São Paulo, **Palavra-Chave**, n.3, p. 17-18, out., 1983.
- LANCASTER, F. W. Ameaça ou oportunidade? O futuro dos serviços de biblioteca à luz das inovações tecnológicas. Belo Horizonte, **R. Esc. Bibliotecon.**, v. 23, n. 1, p. 7-27, jan./jun. 1994.
- LEMAITRE, Renée. A imagem do bibliotecário e documentalista em filmes e livros. São Paulo, **Palavra-Chave**, n.2, p. 6-7, ago., 1982.
- MARCHIORI, Patrícia Zeni. Eram os deus astronautas? Ou são os bibliotecários, profissionais da informação? São Paulo, **Ensaio APB**, n.34, p.1-12, set. 1996.
- MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia: uma aproximação. Belo Horizonte, **Perspec. Ci. Inf.**, v. 1, n. 2, p. 225-244. jul./dez. 1996.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. O ensino de biblioteconomia no Brasil. Brasília, **Ci. Inf.**, v.14, n. 1, p. 3-15, jan./jun. 1985.
- MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995. 205p.
- NUNES, Mônica M. Levy, ARAUJO, Eduardo Gomes de. Borracheira-Cinderela: o conto de fadas vivido: uma história prática e currículo de enfermagem. Belo Horizonte, **Enferm. rev.**, v. 4, n. 7 e 8, p. 109-118, jul./dez. 1998.
- PAIXÃO, Sylvia. O fracasso do ressentimento na literatura: sorriso da sociedade. In.: ____ **FAZENDO GÊNERO**. Seminário de estudos sobre a mulher, 1996, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1996. p. 28-36.

- PEDRO, Joana Maria. Mulheres: século XIX. In.: _____ FAZENDO GÊNERO. Seminário de estudos sobre a mulher, 1996, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1996.p. 73-76.
- ONDE SE GANHA DINHEIRA, menina não entra. [s.l.], ADM, jan. 1986 (Trabalho)
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. O riso do outro: mulher e caricatura na virada do século. In.: FAZENDO GÊNERO. Seminário de estudos sobre a mulher, 1996, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1996. p. 37-42.
- RIBEIRO, Renato Janine. O "e" que virou "i". **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 22 out. 2000. crítica.
- RODRIGUES, Aroldo. Estereótipos e preconceito. In: _____ **ESTUDOS EM PSICOLOGIA SOCIAL**. Petrópolis: Vozes, 1979. p. 117-119.
- RONAM, Colin A. **Da renascença à revolução científica**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1987. p. 9-10. (História ilustrada da ciência)
- SAFFIOT, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classe**: mito e realidade. Petrópolis: Vozes, 1976. 383 p.
- SANTOS, Sueli Maria dos Reis. Mulher: o ser e o fazer em saúde. Belo Horizonte, **Enferm. rev.**, v. 2, n. 4, p.27-30, dez. 1995.
- SOUZA, Francisco das Chagas de. Biblioteconomia, informação e poder. Brasília, **R. Bibliotecn.**, v. 18, n. 2, p. 135-139, jul./dez. 1990.
- WITTER, Geraldina Porto. Profissional da informação: caracterização e busca de instrumento para avaliação. São Paulo, **Transinformação**, v. 11, n. 1, p. 47-53, jan./abr. 1999.
- VERUCCI, Florisa. Ser-mulher e ser-mãe. Brasília, **Humanidades**, n. 11, p. 100-101, nov./jan., 1986/87.

Anexo

Questionário aberto

Selma da Silva Santos, formanda do Curso de Biblioteconomia de Brasília, escolhi os alunos formandos do Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília, para obter informações para análise de meu trabalho final, cujo tema é **“Estudos sobre as razões da existência de estereótipos e preconceitos em relação à imagem profissional do bibliotecário”**. Para isto, solicito que responda o questionário abaixo. Sua opinião é muito importante para mim.

De acordo com Conselho Regional de Biblioteconomia da 1ª Região, 92,89% dos profissionais ativos inscritos são do sexo feminino (out/2000).

Botassi *apud* Martucci (1996) afirma que: “...o motivo que nos levou a ela, para além das circunstâncias, foi o de termos escolhido uma profissão adequada “à nossa natureza” feminina, considerando que, as (os) profissionais, somos uma maioria de mulheres. Assim, enquanto mulheres, de acordo com nossa formação, seríamos levadas a prestar serviços ou cuidados e se não bibliotecárias, seríamos enfermeiras, assistentes sociais, ou exerceríamos profissões “úteis” à sociedade, de natureza feminina”.

Explica a autora: “transportamos a condição de posição inferior da mulher na sociedade para a profissão”.

Havard-Williams (1975) também afirma que: “ o *status* dos bibliotecários é baixo, apesar de a profissão ser regulamentada por lei. A Biblioteconomia é uma profissão predominantemente feminina e os salários são reduzidos, embora venham “melhorando”, tanto quanto vem aumentando o “ingresso de homens” em bibliotecas”.

Litton *apud* Giacometti (1987) expressou-se do seguinte modo: “A Biblioteconomia tem sido tradicionalmente um trabalho que as mulheres realizam com perfeição. Ainda hoje, é a profissão geralmente exercida por elas. Por outro lado, um número cada vez maior de homens se dedicam à Biblioteconomia alcançando as mais altas posições em proporção inversa à sua força numérica.”

Baseado nos trechos acima citados, qual a sua percepção profissional, a respeito do assunto? Sua opinião é muito importante.

Superior Tribunal de Justiça - Biblioteca



STJ00072395